

Celebração de Rosa Virgínia Mattos e Silva

Ataliba Teixeira de Castilho

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

CASTILHO, AT. Celebração de Rosa Virgínia Mattos e Silva. In LOBO, T., CARNEIRO, Z., SOLEDADE, J., ALMEIDA, A., and RIBEIRO, S., orgs. *Rosae: linguística histórica, história das línguas e outras histórias* [online]. Salvador: EDUFBA, 2012, pp. 19-24. ISBN 978-85-232-1230-8. Available from SciELO Books <<http://books.scielo.org>>.



All the contents of this chapter, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-Non Commercial-ShareAlike 3.0 Unported.

Todo o conteúdo deste capítulo, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição - Uso Não Comercial - Partilha nos Mesmos Termos 3.0 Não adaptada.

Todo el contenido de este capítulo, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-NoComercial-CompartirIgual 3.0 Unported.



Celebração de Rosa Virgínia Mattos e Silva

Ataliba Teixeira de CASTILHO
Universidade Estadual de Campinas
Universidade de São Paulo

Estamos aqui reunidos para celebrar Rosa Virgínia Mattos e Silva, vale dizer, para celebrar a Linguística Histórica no Brasil.

Durante o período de atuação mais forte do Estruturalismo e do Gerativismo, a Linguística Histórica tinha passado para o segundo plano, deslocada que foi por esses movimentos, basicamente a-históricos.

É verdade que mesmo no interior dessas teorias algumas vozes anunciavam a permanência da “velha senhora”. Lembrem-se as pesquisas de André Martinet sobre a Fono-
logia Diacrônica, no quadro do Estruturalismo, e a Teoria dos Princípios e Parâmetros de Noam Chomsky, no quadro do Gerativismo. No Brasil, foi profética a voz de Fernando Tarallo (1984), que proclamou nos anos 80 o renascimento da “fênix”, excelente metáfora para uma ciência que retorna sempre.

Aqueles anos 80 foram cruciais para a Linguística Histórica da língua portuguesa. Sem que tivesse havido uma combinação prévia, três respeitadas linguistas, presentes a este evento, todas senhoras, fizeram renascer essa ciência no domínio da língua portuguesa: Clarinda Maia, Rosa Virgínia Mattos e Silva e Mary Kato.

Clarinda Maia, na Universidade de Coimbra, com seus estudos sobre o galego-português, publicados em 1986. Rosa Virgínia Mattos e Silva, na Universidade Federal da Bahia, com seu estudo sobre o português trecentista, publicado em 1989. E Mary Kato, na Universidade Estadual de Campinas, juntamente com Fernando Tarallo, padrinhos do casamento da Sociolinguística com a Teoria dos Princípios e Parâmetros, que passou a procriar a partir de 1989.

Depois de sua (até aqui) obra maior, Rosa Virgínia deu continuidade às suas pesquisas sobre o português arcaico, e mesmo tive o prazer de incluir dois títulos seus na coleção “Repensando a Língua Portuguesa”, da Editora Contexto: *O português arcaico: fonologia*, de 1991, e *O português arcaico: morfologia e sintaxe*, de 1993a. Esses trabalhos foram

refundidos e ampliados em *O português arcaico: uma aproximação. V. I – Léxico e morfologia. V. II - Sintaxe e fonologia* (2008).

Rosa Virgínia trabalha duro, tanto individual, quanto coletivamente. Desta sua segunda frente de trabalhos, resultou o lançamento, aqui na UFBA, do *Programa para a História da Língua Portuguesa*, o PROHPOR.

Li o texto constitutivo do PROHPOR e confesso que fiquei verde de inveja. Mas que excelente ideia! Tocado com muita energia, esse Programa aprofundou e alargou nosso conhecimento histórico sobre o português, lançando mão de um procedimento em que esta Universidade foi pioneira: o desenvolvimento de projetos coletivos de pesquisa, concebidos primeiramente por Nelson Rossi, professor da casa. Com uma agenda definida, o PROHPOR rapidamente se transformou num celeiro de estudiosos, influenciando diretamente a criação do *Projeto Para a História do Português Brasileiro*, o PHPB, em 1997, desenvolvido hoje por dez equipes regionais.

Rosa Virgínia esteve sempre presente nos seminários do PHPB, apresentando textos sobre história social e mudança gramatical, interagindo com os pesquisadores que iam engrossando as hostes da Linguística Histórica, que se revelou uma senhora prolífica.

Resenhar sua vasta produção seria impossível em tão pouco tempo. Pensei, então, em reler dois de seus textos, um publicado antes do PHPB, em 1993b, e outro publicado depois, em 2006, para identificar ali as questões que ela considerou relevantes na agenda dos estudos que nortearam sua vida científica.

Este exercício me mostrou pelo menos duas coisas: (1) sua permanente busca de atualização científica, e o envolvimento que sempre promoveu de seus orientandos nesse percurso; (2) as questões que ela levantou e que adiante sumarizo se tornaram recorrentes no atual debate científico brasileiro.

O texto de 1993b intitula-se *Linguística histórica: o estado da questão e reflexos sobre estudos históricos do português*, tendo sido apresentado ao *IX Congresso da Associação de Linguística e Filologia da América Latina*, realizado em Campinas. Nesse congresso, nossa homenageada tinha sido convidada a dirigir um Grupo de Trabalho sobre Linguística Histórica do Português, para o qual ela escreveu um rico texto de base, que vem norteando os debates ali iniciados.

O texto de 2006 intitula-se *Uma compreensão histórica do português brasileiro: velhos problemas repensados*, tendo sido publicado na obra coletiva *Quinhentos anos de história linguística do Brasil*, mais uma iniciativa da UFBA.

Nesses dois textos, Rosa Virgínia destacou os seguintes aspectos:

- (1) A Linguística Histórica moderna surgiu da confluência do historicismo neogramático com a Dialetoлогия e a Filologia, no séc. XIX, e pela confluência da Sociolinguística e do Gerativismo, no séc. XX. Trata-se, portanto, de uma severa disciplina, que exige muito de seus cultores. Destacando a importância do tratamento paleográfico-interpretativo das fontes escritas, ela mostra, com isto, que não se improvisa um linguista histórico da noite para o dia.

E num balanço sobre a contribuição dos “gramaticalizadores”, expressão que cunhou, ela mostrou a permanência das ideias dos neogramáticos nesse tipo de pesquisas.

- (2) Como uma ciência, a Linguística Histórica move-se num campo demarcado por princípios. Ela destaca aí o *princípio uniformitário*, e o *princípio da não direcionalidade da mudança linguística*.
 - 2.1. O *princípio uniformitário* foi formulado por William Labov. Rosa Virgínia apresenta esse princípio com as seguintes palavras: “o conhecimento das realidades *in praesentia* abre caminho para a melhor compreensão de fenômenos passados, e o conhecimento de realidades passadas documentadas clareia a compreensão dos fenômenos da atualidade” (1993b, p. 181). Esse princípio mostrou que a mudança linguística é diretamente observável, abrindo caminho, ademais, para uma reinterpretação da dicotomia saussuriana sincronia \times diacronia, de importância para o destravamento da agenda de pesquisas históricas.
 - 2.2. O *princípio da não direcionalidade da mudança linguística* foi formulado por David Lightfoot. Rosa Virgínia endossa esse linguista quando reconhece que a “direção [da mudança] é indeterminada, condicionada por fatores de múltipla natureza, tanto intralinguísticos como externos à língua” (2006, p. 223). Ela prossegue afirmando que é difícil localizar as causas da mudança, sendo muitas vezes preciso admitir “o acaso como fator de mudança, reconhecendo, contudo, que mudanças podem ficar sem explicação” (1993b, p. 191). Estas constatações enterram de vez os sonhos da mudança teleológica, cultivados durante bom tempo em nossa ciência. Não adianta pensar que as línguas mudam para se tornar melhores, mais perfeitas, nem mesmo para re-equilibrar sua estrutura, ou sequer para resolver problemas suscitados pelos contactos linguísticos. Rosa Virgínia, aliás, nunca teve a menor dificuldade em enterrar os sonhos improváveis que surgiram no campo da reflexão histórica, mesmo aqueles cultivados pelos neogramáticos, em cuja escola, afinal de contas, nossa geração foi educada.
- (3) Vindo agora para o campo das relações entre o Português Europeu (PE) e o Português Brasileiro (PB), ela mostra que durante muito tempo o padrão culto do PB correspondeu ao padrão culto do PE. Alterações na sociedade brasileira, de que resultou a ascensão das populações rurais, agora urbanizadas, neutralizam progressivamente o contraste “norma culta \times norma vernácula”, trazendo-se para a escola esta última, também denominada português popular brasileiro. Mais do que isso, é o professor ele mesmo que pratica a norma vernácula, deixando de lado a norma culta das gramáticas escolares, em que não reside sua identidade linguística. Dá para surpreender o ar divertido da Rosa Virgínia, agora que o português popular ameaça transformar-se na língua da

escola e, portanto, na língua do Estado. Indo por aqui, ela problematizou essa questão, concentrando-se na história dessa variedade dita não padrão do PB, a que denominou *português geral brasileiro*, “que será, no meu modo de interpretar, o antecedente histórico do hoje designado pela Sociolinguística como português popular brasileiro, ou vernáculo brasileiro, ou ainda normas vernáculos” (2006, p. 236). E agora, explicaremos esse português geral brasileiro como uma criação dos trópicos, influenciado talvez por momentos de crioulização, ou, ao contrário, vamos explicá-lo como uma deriva do português europeu arcaico, para cá trazido pelas caravelas dos comerciantes portugueses, e nele encaixado? Parafraçando Ivo Castro, a pergunta de Rosa Virgínia aqui é: que língua foi aquela que saiu das caravelas, primeiramente em São Vicente, e logo depois aqui, na Bahia? Dois cenários se caracterizam para a busca das respostas: de um lado, precisaremos de uma descrição minuciosa do português quatrocentista, adquirido como língua materna pelos descobridores; de outro, precisaremos desenvolver uma investigação minuciosa das sócio-histórias do português brasileiro. Rosa Virgínia embarcou decididamente nesta outra caravela, o que nos leva à quarta ideia-força que encontramos em seus escritos.

- (4) Para desenhar nossas sócio-histórias – e o plural se justifica por terem sido tão diferentes as condições de implantação do português no Brasil –, Rosa Virgínia mergulha na demografia histórica, destacando o fato de que, por largo espaço de tempo, a etnia branca foi minoritária no país, encolhendo-se debaixo de seus escassos 30%, a que se contrapõem as etnias não brancas, vastamente majoritárias. Ela elabora então um grande programa de pesquisas, que consiste em descobrir as trilhas do português popular e do português culto do Brasil, como forma de explicar o passado através dessas perspectivas do presente. E nisto estamos. Basta observar a produção recente do PHPB para constatar que muitos outros passageiros se candidataram a companheiros seus nesta viagem.

Gostaria de finalizar esta breve homenagem com estas palavras, que Rosa Virgínia inscreveu na parte final de seu texto de 1993b:

Talvez, imagino e proponho, já pudéssemos até esboçar trilhas para uma nova história da língua portuguesa, para onde confluíam os estudos analíticos dispersos sobre as várias faces da língua enquanto fenômeno histórico (p. 197).

É um enorme prazer informar a esta audiência que precisamente durante este Congresso de celebração de sua obra, os pesquisadores do PHPB pretendem ultimar o desenho da HISTÓRIA DO PORTUGUÊS BRASILEIRO. Trata-se de uma vasta obra em cinco volumes, vários deles com vários tomos, a serem preparados por mais de cinquenta linguistas recrutados em várias universidades brasileiras, para publicação em 2012.

Um trabalho assim só poderia ser debatido na Universidade que nos ensinou a trabalhar coletivamente, e na presença da cientista que nos ensinou a fazer Linguística Histórica.

Referências

MAIA, Clarinda de Azevedo (1986). *História do galego-português: estado linguístico da Galiza e do noroeste de Portugal desde o século XIII ao século XVI (com referência ao galego moderno)*. Coimbra: I.N.I.C.

MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia (1989). *Estruturas trecentistas: elementos para uma gramática do português arcaico*. Lisboa: IN-CM.

MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia (1991). *O português arcaico: fonologia*. São Paulo/Salvador: Contexto/EDUFBA.

MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia (1993a). *O português arcaico: morfologia e sintaxe*. São Paulo/Salvador: Contexto/EDUFBA.

MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia (1993b). Linguística histórica: o estado da questão e reflexos sobre estudos históricos do português. In: CASTILHO, Ataliba; ILARI, Rodolfo (Org.). *Atas do IX Congresso Internacional da Associação de Linguística e Filologia da América Latina (ALFAL)*. Campinas. Universidade Estadual de Campinas / IEL, 1993, vol. II, p. 181-199.

MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia (2006). In: CARDOSO, Suzana Alice Marcelino; MOTA, Jacyra Andrade; MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia (Org.). *Quinhentos anos de história linguística do Brasil*. Salvador: Secretaria da Cultura e Turismo do Estado da Bahia. p. 219-256.

MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia (2008). *O português arcaico: uma aproximação. V I – Léxico e morfologia. V. II -- Sintaxe e fonologia*. Lisboa: IN-CM.

TARALLO, Fernando (1984). “A Fênix finalmente renascida”. *Boletim da ABRALIN*, n. 6, p. 95-103.

